

MERCEDES LACKEY

Gwenhwyfar

O Espírito Branco

Tradução
Andreia Mendonça

LIVROS FANTÁSTICOS

 Planeta



Grupo  Planeta

PLANETA MANUSCRITO
Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2009, Gwenhwifaf, Mercedes Lackey
Publicado com autorização do autor
e de Baror International, Inc.
© 2009, Planeta Manuscrito

Título original: *Gwenhwyfar – The White Spirit*

Revisão: Clara Joana Vitorino

Paginação: Guidesign

1.ª edição: Junho de 2012

Depósito legal n.º 345 244/12

Impressão e acabamento: Guide – Artes Gráficas

ISBN: 978-989-657-312-6

www.planeta.pt

PRIMEIRA PARTE

PRINCESA



CAPÍTULO 1

A conversa ao pé da lareira no grande salão do castelo do pai estava repleta de magia naquele fim de tarde selvagem. A época das colheitas tinha começado e acabado e não faltava muito até ao Samhain; as mulheres e os homens mais velhos murmuravam palavras acerca de um Inverno exigente que estava para vir. De facto, o tempo tornara-se muito agreste e as colheitas, embora não escassas, também não foram abundantes. No entanto, o que a pequena Gwen sabia era que, naquela noite, parecia que tudo o que havia de frio e maléfico no mundo tentava infiltrar-se ali. Sentia-se aliviada por Castell y Cnwclas ser todo feito de pedra. Nenhum mortal conseguiria atravessar aquelas paredes grossas e nada de estranho passaria pelas mulheres reunidas ao pé da lareira, em especial naquela noite.

Lá fora, o vento assobiava em redor das paredes de pedra e tornava os assentos mais distantes da lareira quase tão frios como se as pobres pessoas a quem se atribuíram esses lugares estivessem sentadas nas próprias muralhas. Compensavam o frio com a muita cerveja e hidromel que bebiam. Ali dentro, as correntes de ar enfraqueciam as chamas das tochas penduradas nas paredes e faziam-nas dançar, e até o grande fogo exposto na lareira no centro do salão estremecia aqui e ali, enviando feixes de fumo na direcção dos rostos das pessoas sem avisar. Gwen estava feliz por estar sentada no chão de pedra, com um pedaço de pele de ovelha entre ela e as bandeiras, onde se encontrava abaixo do fumo. Abraçou os joelhos, juntando-os ao peito e escutou as mulheres presentes do círculo

da mãe com o olhar arregalado de uma jovem coruja. A luz do lume iluminava rostos familiares e tornava-os estranhos, com sombras mutáveis e luz agitada.

O salão era a maior divisão do castelo e servia muitos fins. Durante o dia, era, à vez, a câmara de audiências do pai, o lugar onde se serviam as refeições e o palco da maior parte do trabalho doméstico que não se fazia na cozinha. À noite, era ali que os homens e os criados do pai dormiam. As paredes eram tão espessas como o braço de Gwen era comprido, interrompidas apenas por janelas estreitas, demasiado pequenas ao ponto de apenas uma criança conseguir atravessá-las. Neste preciso momento, portadas de madeira, pesadas, interditavam a passagem ao pior dos ventos. O lume da lareira, ao centro, proporcionava a maior parte do calor e da luz, complementado pelas tochas nas paredes. O chão de pedra estava coberto de juncos – renovados havia apenas dois dias, e assim as ervas espalhadas entre eles ainda mantinham o seu aroma adocicado e o solo por baixo continuava limpo. O tecto estava perdido em escuridão e ainda mais obscurecido pelo fumo que subia para uma espécie de lanternim, acima da lareira.

Cheirava a humidade, a cerveja derramada, a ervas e carne cozinhada, a corpos suados e a lã molhada. Como o salão tinha sido varrido apenas há dois dias, sentia-se uma vaga fragrância a urina dos cães e dos gatos que corriam em liberdade por ali. Mas, acima de tudo, cheirava a fumo.

As mulheres tinham reivindicado a lareira, sentando-se perto do lume em bancos ou cadeiras ou, tal como Gwen e as irmãs, no chão, e os homens não as desafiavam. Nenhum homem não desafiava uma Mulher Sábia, muito menos um bando delas. Nas suas costas, sentados em bancos compridos, estavam os homens do séquito do pai, Lleudd Ogrfân Gawr, de cognome *o Gigante*, e um rei incontestado por aquelas paragens. Já não havia mais romanos para contestar o seu governo. Os romanos tinham chegado e partido dali, deixaram de extrair o estanho, o chumbo e o ouro, e o anfiteatro que tinham construído para os ditos jogos respondia agora apenas com o eco do miar de gatos selvagens à noite. *E já foram tarde*, dizia a mãe. As palavras do pai eram mais incisivas e profanas.

Os resmungos e ruídos bem-humorados que saíam das bocas dos homens assemelhavam-se a um coro murmurante de ursos adormecidos no início da hibernação, fartos com bagas e frutos secos outonais, cujo pensamento essencial era dormir. Em parte, eram o hidromel e a cerveja da mãe Eleri a fazer efeito. Ela punha ervas na confecção – dizia que era para dar sabor, mas todas as mulheres sabiam que era para acalmar os homens e pô-los sonolentos, e esse era um segredo com o qual os homens nunca sonhariam, nem sequer o rei, seu marido. Não havia muita discussão na zona dos bancos compridos de Ogrfan Gawr, nem quezílias temperamentais que pudessem evoluir para rixas violentas. Eleri, a rainha, era uma Mulher Sábia na medida em que sabia os segredos das ervas bem como da magia, e de opinião de que valia a pena o esforço de evitar que os homens causassem mais sofrimento do que aquele que já existia no mundo. Bronwyn, o seu braço direito e ama das crianças, era a guardiã dos seus segredos.

Contos exagerados sobre caça e luta era do que se falava entre quem estava sentado nos bancos compridos naquela noite. Terminadas as colheitas, a caça ajudava os homens a manterem-se ocupados até à Primavera, e a caça seria necessária para alimentar as pessoas do castelo caso o Inverno fosse rigoroso. A magia era o assunto principal entre quem estava sentado à volta da lareira, constituído pela descendência das mulheres e por um grupo muito pequeno e selecto de homens. Os druidas. Os bardos. O ocasional curandeiro-eremita. Eleri contara a Gwen que se devia ao facto de os homens passarem demasiado tempo à volta do Ferro Frio; a moldá-lo na forma de armas, a estilizá-lo, a adorá-lo. «A Magia marginaliza o Ferro Frio», afirmara, acenando a cabeça com convicção. «Os homens podem ter o Dom, mas, enquanto dependerem do Ferro Frio, nunca terão o Poder.»

Gwen observava sobretudo a mãe, escutava as suas palavras, pois a rainha era também a grande sacerdotisa daquele lugar e ocupava um lugar importante no Conselho dos Sábios. Eleri tinha o Poder e possuía-o em abundância. Gwen observara-a, durante a lua cheia e o quarto minguante, durante o sol do Solstício de Verão e a noite do Solstício de Inverno,

tecendo o seu Poder em feitiços, a arma que dominava para defender, proteger e cuidar do povo. Havia dois tronos no grande salão de Lleudd Ogrfan Gawr; um ao pé dos bancos compridos e outro ao pé da lareira. E ambos eram iguais. O rei protegia o povo com a espada. A rainha fazia o mesmo com o Poder.

Havia quem dissesse que a rainha tinha o toque das Fadas. Decerto, apesar de ter dado à luz Gwen e todas as irmãs, parecia muitas vezes tão jovem como as donzelas ao pé da lareira. Havia quem dissesse que as duas filhas mais novas, Gwen e a irmã mais nova, saíam a ela. Mas quem dizia isso fazia-o com um certo orgulho, não medo, pois, se tivessem mesmo o toque das Fadas, tal seria uma coisa boa.

As irmãs de Gwen estavam sentadas a seu lado, a observar e a escutar, igualmente arrebatadas. Gynath tinha quase doze verões, Cataruna catorze e Gwenhwyfach, a irmã parecida o suficiente com ela para ter sido a sua gémea, apenas oito. Todas escutavam, muito quietas e sossegadas, para que não se lembrassem de as mandar para a cama. Todas as irmãs tinham o mesmo ar; os traços da mãe, esguia e de tez muito clara – uma raridade entre pessoas morenas –, mas não do rei, corpulento e, ainda mais raro, com uma cabeleira da cor do fio de cobre. Tinham recebido um visitante nesta noite, que ficaria hospedado durante o Samhain para proporcionar um poder especial aos rituais deles. Eleri estava preocupada com a possibilidade de os homens e as mulheres mais velhas terem razão quanto ao rigor do Inverno que se aproximava, e ela faria tudo o que fosse necessário para manter as pessoas em segurança até a Primavera chegar.

Mas não se falava no Inverno que estava à porta nem dos rituais do Samhain que os ocupava agora. Falava-se de Artur, o Rei Supremo, e da sua corte em Celliwig.

– ... E então, o Rei Supremo escolhe uma noiva e o Merlim está a certificar-se de que se realizam os rituais da terra – dizia a visitante, pessoa muito importante, sacerdotisa e feiticeira, da grande escola da Fonte do Caldeirão.

– E já não era sem tempo, também – resmungou a velha Bronwyn.
– Isso é que foi estar a pedi-las, atrasar tudo desta maneira! Vamos ter

um Inverno difícil por causa desta perda de tempo. O que acontece ao rei, acontece à terra, e essa é a verdade. – Fez uma careta de desagrado quando todas as outras mulheres acenaram com a cabeça. – Se o rei não tem mulher nem filhos, como pode a terra deixar de ser fria e dura? É muito bom dizer que o Merlim consegue compensar isso, mas ele é apenas um homem, um só homem, e...

– Chiu – interrompeu Eleri, repreendendo a mulher, e a visitante concordou com um aceno de cabeça.

– O que está feito, está feito, e a terra não sofreu. A terra tem grande memória e uma paciência ainda maior. Um Inverno rigoroso não vai arruinar a terra, e o Merlim persuadiu-o em relação à noiva e aos rituais. – A mulher suspirou. – E agora estou aqui para vos perguntar se a meia-irmã do Rei Supremo esteve convosco?

– Morgana? – Eleri abanou a cabeça. – Decerto não estás a referir-te a Ana Morgause... Há mais de um ano que não a vejo. O clã de Orkney não nos dispensa muita da sua atenção. Porquê?

A visitante encolheu os ombros, mas parecia perturbada.

– É a Ana Morgause que estou a referir-me. Morgana não passa de uma criança, apesar de todo o poder que tem, e presta atenção ao que o Merlim e o Conselho dos Sábios dizem. Mas Morgause... Ana é uma mulher adulta, com quatro filhos que adoraria ver chegarem ao topo. Ela tem o poder e a determinação e é casada com Lot, cortês com o Rei Supremo, mas faz vista grossa. E Morgause é cortês com o Conselho, mas...

Eleri abanou a cabeça.

– Rhianu, cuidado com o que dizes. Tens algo mais do que mexericos e as tuas próprias suspeitas? O Caldeirão mostrou-te alguma visão do futuro?

A visitante desviou o olhar por um segundo.

– Não e não – admitiu.

Eleri sorriu levemente.

– Acabou-se, então, e conta-nos sobre a noiva. A haver mexericos, que sejam sobre coisas boas e não más, sobre verdades e não suspeitas. Ana de Orkney fará como sempre fez e, se o Caldeirão não te mostrar visões, então será essa a vontade da Deusa.

Gwenhwyfar ponderou acerca da visitante. Não parecia ser uma pessoa de contar mexericos para causar problemas, e por norma Eleri teria adiado o seu juízo, uma vez que ela era mais velha e, de facto, uma Mulher Sábia muito poderosa, uma das Nove que serviam o Caldeirão da Deusa. Mas a mãe de Gwenhwyfar devia saber de algo que a fez dizer o que disse. Talvez houvesse quezílias entre Rhianu e a rainha Morgause, e talvez Eleri soubesse disso.

Rhianu franziu os lábios e depois pareceu resignar-se.

– Bem, ela chama-se Gwenhwyfar, como a vossa filha, e o nome é adequado, pois é muito parecida com vós todas, com a pele clara como uma saxã e esguia como um junco. Não foi a nossa primeira escolha, mas Artur veio em auxílio do seu pai, Leodegrance, viu-a a lançar flechas das muralhas com o vestido com a saia para cima e um fogo no olhar. – Encolheu os ombros. – Ele apaixonou-se e ela é da linhagem certa e recebeu os nossos ensinamentos. Mas ...

Eleri ergueu o sobrolho.

– Mas?

– É a única descendente do pai. Questionamos se a linhagem dele está a diminuir. A Boa Deusa conhece a linhagem de Uther ...

Eleri parecia pensativa.

– Hum. O próprio Artur é filho único ...

– Mas nunca filho ilegítimo de um qualquer pretendente ou amante; e foi precisa a magia do Merlin para dar vida a Artur no útero de Igraine.

– Eleri acenou com a cabeça. – Mesmo assim, pelo menos agora Artur encontrou uma mulher que deseja e tudo o resto se adequa. A paixão tem a sua própria magia, e os rituais devem, por si só, assegurar que nascerá pelo menos uma criança.

Rhianu tossiu.

– Pretendemos certificar-nos disso – disse, e as mulheres trocaram olhares significativos entre si.

– É arriscado intrometer-nos nesses assuntos – murmurou Eleri com suavidade. – Tende cuidado para que a vossa iniciativa não aborte.

Gwen estremeceu naquele momento, como se um dedo gelado lhe tocasse ao longo da espinha.

– Alguém se deu ao trabalho de prever os resultados? – continuou Eleri, quando Gwen voltou a estremecer.

– Haverá um filho do sangue de Artur, a seu tempo – respondeu Rhianu, com segurança. – Pelo menos um.

– Filhos! – disse o rei, alegre, a aproximar-se atrás da sua mulher. – Oh, os filhos são todos muito bons, mas a riqueza de um rei está nas suas filhas! Um filho pode fugir e jurar vassalagem a outro homem de outro reino, mas uma filha lembra-se do que deve ao seu senhor!... Como é aquele velho ditado, minha querida? – Colocou ambas as mãos sobre os ombros de Eleri, uma das quais ela apertou, com afecto.

– «Um filho é um filho até escolher uma mulher, mas uma filha é uma filha toda a vida» – respondeu Eleri, inclinando a cabeça para trás para olhar para ele e receber um beijo como recompensa.

– Estais a ver? – O rei sorriu para a visitante. – E aqui reside a minha riqueza. Filhas lindas, fortes e atraentes. E eu sei que se lembrarão dos seus deveres para com a terra e o senhor. Se o Rei Supremo desejar aliados leais, então que tenha filhas para cimentar esses laços. Se desejar magia para salvaguardar o seu reino, que tenha filhas para lhe engendrar feitiços e falar aos deuses por ele. E, se tiver muita sorte, também terá uma filha guerreira, pois conseguem ser os escudeiros mais leais.

Gwen reparou, naquele momento, que a rainha parecia estar a magicar um segredo agradável.

Mas nada disse. Limitou-se a apertar a mão do rei, e este soltou uma gargalhada e voltou para ao pé dos seus homens.

– Mas, então, e Ana Morgause? – perguntou Eleri uns momentos depois. – Se há algum problema relacionado com ela, devíeis estar a alertar-nos disso. É vosso dever esclarecer-nos.

A visitante fez uma careta de desagrado. Depois, olhou para baixo, determinada, para Gwen e para as suas irmãs. Gwen suspirou. Se tivesse estado um pouco mais para o lado... a visitante não teria reparado nela. Isso acontecia com frequência. Depois, tentava concentrar-se com muito esforço para passar despercebida. Às vezes, funcionava – cada vez mais à medida que lhe ganhava o jeito. Mas não esta noite.

Para grande decepção de Gwen, a mãe percebeu o sinal.

– Ide embora – disse ela num tom calmo que, todavia, não tolerava qualquer argumento. – Está na hora de dormir. – As raparigas nem sequer tentaram dissuadir a mãe: agarraram naquilo em que tinham estado sentadas e arrastaram-se para os aposentos privados, por detrás do estrado.

Era, de facto, um castelo muito imponente. Atrás do estrado, passando uma porta de madeira, havia dois quartos pequenos onde a família real e os criados pessoais dormiam, longe da pilha de corpos no grande salão. Duas velas, mais uma a arder em cada quarto, iluminavam o caminho o suficiente para que as raparigas não tropeçassem em nada.

O primeiro quarto era delas; era mais pequeno do que o segundo e tinha apenas o espaço suficiente para a cama grande onde todas dormiam e os baús da roupa alinhavam-se ao longo das paredes. Mag, a criada que todas partilhavam, tinha sido sua ama quando eram mais pequenas, ajudava-as a retirar os trajes e a dobrá-los como deve ser, em cima de cada baú. Depois, trepavam para a grande cama, que Mag aquecera com uma pedra previamente colocada perto do lume. Tinham a sua própria ordem na cama. As duas mais inquietas, Gwenthwyfar e Gwenthwyfach, ficavam do lado de fora, e Cataruna e Gynath do lado de dentro. A cama, com os cobertores de lã entrelaçados por Eleri e as suas mulheres e a colcha de pêlo de ursos mortos pelo próprio pai, tinha ainda espaço para mais duas pessoas dormirem com facilidade. Até tinham um colchão de penas, um luxo enorme.

Gwen foi a última a subir para a cama e Mag fechou as cortinas desta, deixando-as na completa escuridão.

Gwen era sempre a última a subir para a cama, já que, se não esperasse, a irmã Gwenthwyfach, a bebé da família, arranjaria alguma maneira de atormentar. Acotovelar, picar, puxar o cabelo, beliscar – eram iguais como se fossem gémeas, era o que sempre diziam, e ninguém conseguia compreender por que detestava Gwenthwyfach tanto a irmã. Quando Gwen, *a Pequena* estava de bom humor, era encantadora e linda e enfeitava todos os que a rodeavam. O seu cabelo, tal como o de Gwen, era de um dourado-claro como a luz do Sol, tinha os olhos grandes e azuis que der-

retiam qualquer pessoa quando queria alguma coisa. Por vezes, lembrava a Gwen do conto da donzela feita de flores, tão esguia e graciosa, mesmo quando fazia maldades. De facto, o seu verdadeiro nome não era Gwen, *a Pequena*, mas todos insistiam que elas eram tão parecidas uma com a outra que o nome tinha pegado moda e já ninguém se lembrava do nome que lhe tinham dado à nascença. Talvez fosse por isso mesmo; talvez ela se ressentisse do facto de serem tão parecidas. Não era por viver privada de algo. Muito pelo contrário; por ser a mais nova e tão bonita, era mimada.

Pensando melhor, talvez a incomodasse o facto de haver alguém que pudesse considerar-se tão bonito como ela, ainda para mais a irmã mais velha.

Até Gwenhwyfar estava perdida; não se lembrava de fazer fosse o que o fosse que justificasse isso. Se as posições fossem trocadas, se Gwenhwyfar fosse a mais nova, haveria motivos para esse ressentimento. Mas não; tinha sido Gwen, *a Pequena* a roubar a posição de «mais nova» à irmã, um ano mais velha, e mal começara a andar quando tornou a sua inimizade pública. Desde esse dia, a vida de Gwen tinha sido uma luta para evitar as pequenas torturas da irmã matreira.

Aprendera uma coisa logo de início: nunca retaliar. Gwen, *a Pequena* nunca era apanhada, pelo menos não por um adulto, e a única retribuição que Gwen recebia era a ira de um adulto. Gwen era a mais velha das duas, pelo que era lógico, quando havia uma briga, ser ela a agressora, pois por que razão iria uma criança mais pequena brigar com uma mais velha? Quando Gwen mostrava ter nódoas negras, diziam-lhe que tivera o que merecia por implicar com a irmã mais nova.

As irmãs mais velhas sabiam o que se passava, mas os seus protestos junto dos adultos só faziam com que lhes dissessem para não tomar partidos.

Essa era a outra razão pela qual se pusera uma Gwen em cada lado da cama, com duas irmãs no meio. Acabava com as brigas.

Pelo menos, quase sempre.

– A culpa é toda tua – murmurava Gwen, *a Pequena* no escuro.
– Fizeste com que nos mandassem para a cama, Gwenhwyfar. Ainda podíamos estar lá se não fosses tu.

– Eu? O que fiz eu? – perguntou Gwen quando as irmãs suspiraram com exasperação.

– Não estavas quieta o suficiente. Fizeste a rainha olhar para ti. Estavas com bichos-carpinteiros. Tens sempre bichos-carpinteiros. – Isto dito pela pessoa que Mag inspeccionava sempre à procura de pulgas, uma vez que, segundo a ama, qualquer pessoa que se remexa daquela maneira só pode estar carregada de pulgas.

– Não estava nada!

– Estavas sim!

– Não estava, não senhora!

– Estavas, sim senhora!

– Desiste! – vociferou Gynath, a mais velha de todas. – Gwen não estava com mais bichos-carpinteiros do que tu, e foi muito menos óbvia no facto de querer saber tudo sobre a rainha de Orkney. Agora, dorme!

– Não consigo – choramingou Gwen, *a Pequena*. – Tenho frio. Gwen roubou os cobertores todos.

Visto que Gwen mal estava tapada pelo lençol, o que ela disse era obviamente mentira.

– Não roubei nada!

– Roubaste, sim!

– Não é possível – disse Gynath com desdém. – Eu enfiei-os por baixo do colchão de penas do teu lado. És uma mentirosa, e isso só prova que foste trocada à nascença. Eu sabia! O povo Belo levou o verdadeiro bebé e deixou-te no lugar dele! Não admira que sejas um pequeno demónio!

– Não sou nada! – disse Gwen, *a Pequena*, furiosa. – E ela roubou os cobertores! Au!

Este grito pontuou a pancada na cabeça que a irmã mais velha – e muito maior – lhe deu.

– Desiste! – repetiu Gynath. – Dorme, ou tiro-te da cama e ficas a dormir no chão com os cães a noite toda.

– Já estou na cama com cadelas – resmungou Gwen, *a Pequena*, e Gynath bateu-lhe outra vez com força e, por fim, ela acalmou-se.

Gwen virou-se de lado, de costas para as irmãs, e fitou o local onde as cortinas se tocavam. Furtivamente – porque se Gwen, a *Pequena* soubesse o que ela estava a fazer, começaria logo a choramingar por deixarem entrar corrente de ar – separou as cortinas com o dedo e espreitou para o outro lado do quarto, olhando para a luz visível pelas frestas entre a porta e a ombreira da mesma na tentativa de escutar algo mais além de murmúrios indecifráveis. Ela também quisera saber mais coisas, mas não sobre Ana Morgause.

Queria saber sobre a Magia e o Poder. Saber sobre o assunto, observar alguém a praticar magia, provocava-lhe sempre uma sensação boa de arrepio. Mal podia esperar até adquirir o seu próprio Poder.

Imaginou como seria. Algumas pessoas, como Eleri, conseguiam fazer tudo e mais alguma coisa. Outros eram apenas curandeiros, alguns conseguiam controlar o tempo, ver o passado ou prever o futuro.

No entanto, ela queria ser capaz de fazer isso tudo. Bem, quem não queria? E queria algo mais. Queria ser condutora de bigas e guerreira. Tinha de haver uma maneira de manter o Poder e ainda manejar o Ferro Frio. Às vezes, sentia-se dividida, desejando ambas as coisas...

Mas não havia dúvida nenhuma de que, quando adquirisse o seu Dom, *seria* enviada para as Senhoras. Tinha dúvidas, isso sim, sobre se o rei estaria disposto, independentemente do que dissesse, a permitir que uma filha manejasse armas. Não havia muitas mulheres-guerreiras, e a maioria das raparigas que experimentavam essa vida desistia pouco tempo depois.

Essa não era a única razão por que ela se esforçava por escutar a conversa que ocorria ao pé da lareira. Além de ouvir falar sobre Magia, queria ouvir coisas sobre esta nova rainha com o nome igual ao seu.

Perguntou-se como seria a vida desta jovem esguia e de pele clara. Teria o seu pai um castelo como este? Era claro que, se era de facto uma boa arqueira, ele a deixava treinar com os guerreiros. Oh, como Gwen queria fazer isso também...

Bem, talvez quisesse. Teria de ter cuidado para que o Poder não a abandonasse por manejar demasiado o Ferro Frio. Mas tinha de haver uma maneira! *Aquela* Gwenhwyfar tinha conseguido!

Mas, se não houver... O que escolho? Ser Guerreira ou ter o Poder?

Será que ela tinha irmãs? Era provável que não, e talvez não tivesse sequer irmãos, visto ter estado nas muralhas a lançar setas contra os inimigos do pai. Os irmãos eram esquisitos em relação a essas coisas. Gwen escutara, às escondidas, muitas brigas quando alguns dos rapazes tentavam impedir as irmãs de treinar com os guerreiros e assim. Não. Pelo que parecia, ela era filha única...

Oh sim, Gwen lembrava-se agora. Qualquer coisa sobre a linhagem estar a diminuir, e de ser a única filha do rei. Essa era a verdade.

Gwen invejava-a. Devia ser maravilhoso ser filha única. Não ter de partilhar nada com ninguém. Sem irmãs a bater-lhe na cabeça, nem uma horrível irmã mais nova para emburrar com ela. Teria conseguido o melhor de tudo; só as crianças eram mimadas, toda a gente sabia disso. E agora, ia casar-se com o Rei Supremo, ser igual a ele em todas as coisas... Teria a própria corte; todos sabiam que o poder da terra passava também pela rainha e pelo rei. Era treinada pelas Senhoras, por isso era provável que fosse ela a controlar tudo o que tivesse que ver com o Poder, sujeita ao Merlim, é claro. Teria os próprios cavalos para montar e não teria de partilhar um pônei velhote com três irmãs.

E, oh, as roupas. Talvez as suficientes para encher imensos baús. Teria roupas novas, e não recortes de vestes de adultos passadas de geração em geração até, uma vez chegados a Gwen, terem já perdido toda a cor e quaisquer adornos que outrora possuíam. De facto, com três irmãs a transmitir a mesma roupa, era Gwen, *a Pequena* quem ficava com o melhor, pois na altura em que Gwen deixava de usar aquilo que Gynath lhe dera, essas roupas já só serviam para estofos, remendos e trapos de bebé. Gwen, *a Pequena* recebia verdadeiras roupas em segunda mão, tal como as irmãs mais velhas.

Haveria forros de pêlo para os mantos e capuzes daquela Gwen-hwyfar. Haveria camisas bordadas para os vestidos, e os seus camiseiros seriam da mais macia lã de ovelha e linho. Vestir-se-ia como Eleri se vestia em raros dias festivos, mas fá-lo-ia todos os dias, porque era a Rainha Suprema. Todas as suas roupas seriam coloridas, e nunca mais usaria

nada que fosse simples ou com cor desbotada. A não ser os camiseiros. Este camiseiro seria de um linho tão branco capaz de cegar, pensariam que ela era um espírito. De facto... De facto, ela teria um vestido assim tão branco, mais branco do que a neve, mais branco do que as nuvens. Tudo o que usasse seria também suave. Nada de linho que arranha, nada de lã que pica a pele.

E nada de sapatos que exigissem calçar três pares de meias para não caírem dos pés. Far-se-iam sapatos à medida dos seus pés, e só para ela.

Também teria direito à melhor comida que houvesse. O que quer que quisesse, como é provável. As melhores partes de carne, as fatias do meio do naco, bolos e tartes suculentas sempre que desejasse. Ganso! Oh, maravilhoso ganso e a gordura apetitosa para mergulhar o pão. Deixá-la-iam beber todo o hidromel que quisesse. Maçãs, peras, ameixas, cerejas e frutos silvestres de todo o tipo.

Teria um estábulo repleto de cavalos, um de cada cor que houvesse. E um falcão; um verdadeiro, não apenas um gaviãozinho, um verdadeiro peregrino ou um açor. E um cão de caça, com uma cabeça elegante com orelhas compridas. Iria caçar sempre que lhe apetecesse e ninguém lhe diria que não.

Haveria também um bardo a tempo inteiro na corte, e saltimbancos e menestréis e todo esse tipo de coisas. Poderia ouvir contar todos os contos que quisesse, sempre que quisesse, e, se acordasse a meio da noite e quisesse ouvir um, bem... poderia.

E teria, é claro, um grande Poder e comandaria a mais séria das Magias. A Rainha Suprema era também a chefe de todas as Sábias e, no ritual mais importante do ano, era a representação da Senhora para toda a terra. Gwen vira Eleri regressar dos Grandes Rituais, com o rosto corado, olhos a brilhar, exultante e mais viva do que em qualquer outra altura. Queria sentir-se assim, um dia.

Bem, um dia, iria. Eleri prometera-lhe isso. Um dia, ela, Gwen, iria liderar os Rituais, permitindo que a Magia acontecesse.

Porém, de repente, no meio de toda a inveja, Gwen lembrou-se de outra coisa... Será que todas estas coisas maravilhosas valeriam a pena

a obrigação de se afastar da família? Nunca saber se voltaria a ver a mãe ou o pai? Não ter ninguém à volta a não ser estranhos?

Talvez ... não.

Incapaz de ouvir algo que fosse significativo, Gwen soltou as cortinas da cama e enroscou-se na irmã. A cama era macia, e estava aquecida com o calor de quatro corpos. Estavam todas em segurança ali e, amanhã, os caçadores de aves iam sair e, quase de certeza, iria haver ganso. E depois contar-se-iam histórias e talvez houvesse alguma música rústica, e a visitante falaria mais sobre magia.

E Gwen iria poder olhar para cima do seu lugar, ao pé da lareira, olhar à sua volta e conhecer todos os rostos no salão.

Talvez ser Rainha Suprema não fosse assim tão maravilhoso afinal.